

DANÇA

Erzalow faz apresentação única em SP

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha

O bailarino e coreógrafo norte-americano Daniel Ezralow, que já esteve no Brasil com os grupos Momix e Iso Dance Theatre, está de volta para apresentar somente amanhã, no Sérgio Cardoso, o espetáculo "Mandala".

Marcando nova fase na carreira de Ezralow, que agora atua como intérprete solo, "Mandala" é uma obra multimídia que estabelece uma fusão entre as imagens de filmes projetadas em telões e a dança ao vivo realizada pelo bailarino.

Apesar da forte presença da tecnologia, Ezralow procura promover um encontro com a espiritualidade em "Mandala", que tem o livro "Sidharta", de Herman Hesse, como uma de suas fontes.

Depois de integrar no início da carreira companhias como Pilobolus e Paul Taylor, Ezralow passou a pesquisar meios capazes de estimular diferentes níveis de percepção —algo que já ocorria no Momix e Iso. Em "Mandala", deixou aflorar seu lado místico, representado pela viagem interior que o espetáculo sugere.

Folha - Por que você trocou os grupos Momix e Iso pela carreira solo?

Daniel Ezralow - Momix foi um grupo que criei e construí. Em certo momento, nossas opiniões divergiram, nos dividimos, e criei o Iso. Essas mudanças ocorreram

naturalmente. Acho que a busca de um caminho próprio faz parte da evolução de todo artista. Embora eu venha realizando um trabalho independente há algum tempo, "Mandala" é meu primeiro solo.

Folha - O que mudou em seu trabalho?

Ezralow - As experiências com Pilobolus, Momix, Iso, Paul Taylor, continuam dentro de mim de alguma forma. Mas muita coisa mudou. Hoje eu tenho coisas diferentes para dizer. A proposta do Pilobolus é expressar coisas interessantes por meio do corpo, por meio da interação que ocorre a partir do contato físico entre os bailarinos. Momix, por sua vez, procura dizer coisas interessantes por meio do corpo e de truques teatrais. Lida com idéias muito claras, encenadas com peças curtas.

Depois de experimentar essas propostas, senti necessidade de explorar um caminho diferente. Não quero me sentir limitado pelo corpo ou pelo teatro. Como fruto deste momento, "Mandala" é uma peça de longa duração, que procura trabalhar com um conteúdo mais abrangente, profundo e mais próximo de minhas verdades pessoais.

Folha - Como você relaciona tecnologia e espiritualidade?

Ezralow - É muito difícil definir espiritualidade. Para mim, talvez signifique uma profunda consciência sobre a vida. Artisticamente, hoje procuro expressar minha vida interior, minhas emoções

mais profundas e as técnicas do vídeo e do computador me ajudam a expressar isso. O mais importante é entender que a tecnologia não deve se sobrepor à emoção, não deve ser um fim, mas um meio. Devemos nos servir dela, sem temê-la. Atualmente, muita gente ama a tecnologia, mas há também os que a temem. Na verdade, a tecnologia deve ser vista como um sistema simples, que pode nos tra-

zer belos resultados. Dentro de meu fazer artístico, a tecnologia é utilizada meramente como um instrumento.

Folha - Como é sua abordagem da dança hoje? Embora você esteja em busca de novos caminhos, não parece preocupado em inovar...

Ezralow - Não estou preocupado em inovar, mas em pesquisar novas formas de me expressar em cena e, nesse sentido, a improvisa-

ção continua sendo a base de meu processo criativo. Em "Mandala", a dança não veio de estímulos externos, mas sim de questões e sensações internas.

Folha - Como foi a "coleta" de material para "Mandala"?

Ezralow - Selecionei grande quantidade de imagens, captadas em cenas e paisagens da Itália, Finlândia e Estados Unidos. Ao editá-las, comecei a ouvir muitas músicas, acho que as músicas que ouvi nos últimos dez anos, e nesse processo fui descobrindo relações entre imagens e sons. A partir daí, comecei o processo de entendimento sobre o que eu me propunha a fazer, sobre a ordem que as cenas deveriam ter. Outro desafio foi integrar meu corpo a tudo isso,

uma vez que as imagens não funcionam como a história convencional de um filme.

Folha - Em "Mandala" você parece tentar alcançar uma condição imaterial do corpo...

Ezralow - Sim, tento fazer com que meu corpo se torne parte das imagens, de maneira que a dança não seja determinada pelo meu corpo. Na verdade, a dança é a integração de meu corpo com as imagens do filme e, por vezes, as imagens são a própria dança.

Espectáculo: Mandala, com Daniel Ezralow
Quando: amanhã, 21h
Onde: teatro Sérgio Cardoso (r. Rui Barbosa, 153, tel. 011/288-0136)
Quanto: R\$ 25 e R\$ 40 (vendas pelo tel. 011/3968-0164)



Fotos Reprodução

Três movimentos do bailarino e coreógrafo americano Daniel Ezralow, que apresenta o espetáculo 'Mandala', amanhã, em São Paulo

Oriente inspirou coreógrafo

especial para a Folha

Apesar da afinidade com a tecnologia, Daniel Ezralow procura achar canais para a espiritualidade em seu espetáculo "Mandala" (referência ao círculo tântrico, símbolo do universo).

"A origem oriental do título inspirou-me a representar a existência humana em suas diversas fases e segundo um percurso ideal", diz. "Trata-se de uma performance multimídia não tanto pelo uso da telecâmara e da tecnologia, mas porque me sirvo de cada meio — a imagem, o corpo e o sonho — para exprimir minha percepção do mundo."

Sobre a projeção ininterrupta de filmes durante o espetáculo, explica: "A alma pensa por imagens. Quando recordo meu passado,

lembro de pessoas, de ambientes, mas não das palavras".

Com o espetáculo, Ezralow também acredita que encontrou um novo modo de entender a dança. "Trata-se de uma forma coreográfica que procura exprimir o abstrato não mais através do balé clássico, mas através de um envolvimento total dos sentidos. Em 'Mandala' procurei promover um encontro contemporâneo de cada elemento musical, pictórico e físico, que me permitisse criar um movimento total, sensual e espiritual."

"Filme vivo", é como o bailarino e coreógrafo define "Mandala", cuja trilha sonora inclui músicas de vários compositores contemporâneos, como Brian Eno, Harold Budd, Wim Mertens, além de um clássico, o russo Alexander Borodin. (AFP)



Bailarino fundou o Momix

especial para a Folha

Desde que começou a se dedicar à dança, quando ainda era aluno da Universidade de Berkeley, na Califórnia (EUA), Daniel Ezralow recheou seu currículo com múltiplas experiências.

Entre 1976 e 1986, integrou três das companhias de dança mais importantes dos Estados Unidos: Lar Lubovitch, Paul Taylor e Pilobolus. Em seguida, Ezralow fundou dois grupos derivados do Pilobolus, o Momix e o Iso Dance Theatre, com os quais se apresentou no Brasil nos anos 80, em edições do Carlton Dance Festival.

Ainda como integrante do Momix e do Iso, coreografou para várias companhias, como BatSheva Dance Company, de Israel e Scapino Ballet, da Holanda.

Hoje, aos 40 anos, afirma que decidiu-se pela carreira solo para "ter voz própria". À parte seus espetáculos, ele está no mundo da moda, do cinema e da música pop.

Entre outros estilistas, já desfilou para Issey Miyake. Cantores e grupos como Sting, David Bowie e U2 também já requisitaram Ezralow para coreografar seus shows. Na Itália, onde vem trabalhando, fez do cinema outra atividade expressiva em sua trajetória. Entre os filmes que participou estão "Ulisses e a Baleia Branca", de Vittorio Gassman e "Camorra", de Lina Wertmüller.

Sua próxima meta, agora, é a Broadway, onde pretende realizar duas produções musicais após encerrar a turnê internacional de "Mandala", seu último espetáculo. (AFP)



France Presse

Garotas do Spice Girls vão lançar filme

O grupo de pop britânico, composto exclusivamente por mulheres, posa para os fotógrafos em frente ao Cannes Martinez Hotel. A aparição das meninas, que formaram o grupo em Londres, é justificada pelos planos de lançarem um filme no estilo de "Help", produzido décadas atrás pelos quatro rapazes de Liverpool. Três grandes estúdios já manifestaram interesse pelos direitos da produção: Universal, Miramax e Fox